

A COMPETIÇÃO DE TRATAMENTO TVS EM CARTAS DE 80 NO SERIDÓ

Gisonaldo Arcanjo de Sousa (UFRN- CERES-DEDUC)
gisonaldo.arcanjo@bol.com.br

Introdução

A língua e sociedade são duas realidades que se misturam, a tal ponto que não se pode falar de uma sem apontar a existência da outra, pois a finalidade de qualquer língua é servir como meio de comunicação de um povo e, por se comportar assim, passa a ser um patrimônio cultural.

A língua, sistema, evolui e reflete os padrões do comportamento de uma sociedade quer no tempo, quer no espaço.

É natural que as línguas vivas disponibilizem aos falantes, em um mesmo espaço de tempo, uma ou várias maneiras de dizer a mesma coisa. Com o português falado/escrito pelos brasileiros não é diferente: há variedade/diversidade de formas para expressar a mesma ideia; do mesmo modo, uma única estrutura pode codificar ideias distintas, a depender do contexto.

Conforme se verá nesta proposta investigativa, a multiplicidade de formas atinge a língua portuguesa no que tange à codificação linguística dos pronomes pessoais usados pelo seridoense, precisamente o TU/VOCÊ/SENHOR (doravante, TVS) escritos em cartas pessoais da cidade de Caicó-RN, nos anos de 1980, 1981 e 1982.

Caicó – 16 -12 80

Cara amiga: Boa tarde

*Olá M como está as coisas / aí, tudo bem. VOCÊ está gostando dair, /
Olha quanto aqui não temos novida-/dês. Os meninos não vierão dia 08
(oito) com F. pois C foi para casa em / Fortaleza ti encontrar e R também foi
para casa em Campos Sales. Quanto a turma da / qui está igual (...)
(carta 01)*

Caicó, 16 -01 – 81

Inesquecível amiga:

Beijos:

*Recebemos sua carta dia 13, chegou no dia 12.(...) Olha quanto a H,
continua louco como sempre, ontem / eu falei com ele por telefone e ele / me
pediu pra mim telefonar pra ele / hoje novamente eu dei o recado a ele / e
ele riu bastante e disse que TU é muito mais louca que ele (...)
(carta 02)*

caico 17-6-82

*querido pai pesso que mi aben / COI. Pai pai recebeu a sua carta /fiquei
muito satisfíto / eu fiquei bom e o SENHOR ainda ta com problema de
dinhero. estou mei apertado aqui
(carta 03)*

Acredita-se que o caráter diversificador dos itens da língua surge com a finalidade de atender às necessidades de comunicação dos falantes porque a língua – qualquer uma – é dinâmica, não para, evolui, passa por mudanças sofrendo (ou não) variações.

Busca-se, assim, neste artigo:

- i) mapear a frequência do uso das formas em competição *Senhor, Você e Tu* em amostras de cartas do Seridó, precisamente, escritas em Caicó nos anos de

1980, 81 e 82, retiradas do Corpus do LABEL – Laboratório de Linguagens do CERES, Campus de Caicó;

- ii) observar se existe outro pronome capaz de competir com os mesmos, neste caso o “a gente” – muito comum na fala local;
- iii) observar se os missivistas tenderiam a usar, indistintamente, o pronome de tratamento para segunda e/ou terceira pessoa;
- iv) refletir sobre o grau de intimidade, baseando-se no conteúdo das cartas, precisamente, a relação de poder estabelecida entre os escribas.

É possível afirmar que há uma crescente utilização do *você* em substituição ao *tu* como uma opção de tratamento e um declínio com relação ao Senhor. Tal escolha vem alterando também a concordância e, de certa forma, provocando mudanças na maneira de se expressar. Essa mudança já é notada a partir dos meados do século XIX.

A variação observada entre as formas pronominais do *tu*, *você* e *senhor* no português brasileiro é uma questão já evidente. De forma tímida, no fim do século XIX, percebe-se a coexistência do *tu* e do *você* em referência a um mesmo interlocutor (BARCIA, 2004). Fenômeno também investigado por Duarte (1993) que, observando amostras de peças teatrais do Rio de Janeiro, produzidas nos séculos XIX e XX, verifica que o emprego de *você* supera o uso de *tu*. No entanto, Paredes e Silva (2000), afirma que o *tu* regressou ao dialeto carioca, sem a flexão da forma verbal adequada de segunda pessoa.

O interesse pela questão do tuteamento, do voceamento e do senhoramento tem suscitado diversos estudos acerca dos fatores linguísticos que teriam provocado o processo de mudança, por exemplo, de *Vossa Mercê* > *você*. Já se percebe que o *você* se encontra integrado ao sistema de pronomes pessoais, às vezes, substituindo o *tu* ou convivendo ao lado deste, se é que o verbo traga a marcação de segunda pessoa como prescreve a gramática da norma. É notório também que o *senhor*, pronome de tratamento por natureza, vem se distanciando de sua empregabilidade e ganhando outra dimensão. Às vezes se flagra concorrendo com o *tu* e o *você* em contextos nada formais.

É interessante investigar, posteriormente, as causas das mudanças ocorridas no sistema pronominal do Brasil, especificamente, na região do Seridó, observando os fatores linguísticos e também extralinguísticos que motivaram o processo de pronominalização e competição entre as formas.

Apenas de forma ilustrativa e de forma breve, pode-se verificar a mudança histórica percorrida pelo pronome *você*:

Mercê > Vossa Mercê > Você

Grosso modo, pode-se entender assim: Mercê – sinônimo de capricho, arbítrio (FERREIRA, 1986), para Vossa Mercê – (à mercê de vós, tratamento de ordem pomposa) e, depois, pronome de tratamento, até chegar a *você* – pronome de segunda pessoa.

Sob o aparato da Sociolinguística Quantitativa ou Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), observam-se muitas pesquisas no Brasil que esclarecem, através de seus resultados, a temática ligada à mudança dos pronomes de tratamento em estudo.

Dessa forma, tem-se como força propulsora investigativa nesta pesquisa reflexões sobre o percurso da mudança ocorrida com o TVS na cidade formadora da amostra. Pensa-se em uma investigação que possa evidenciar, identificar, documentar e caracterizar uma (das várias) variantes linguística do Seridó, dando oportunidades para se comparar com outros estudos do mesmo naipe do cenário linguístico nacional.

O suporte teórico se fixa prioritariamente na Sociolinguística variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968), que preza um estudo de variação e mudança em

uma determinada comunidade, baseando-se em dados reais de fala. Tal teoria julga que toda língua pode sofrer variação de forma sistemática.

É válido ressaltar que as línguas constituem realidades dinâmicas e estão sujeitas a transformações no decorrer do tempo. Assim, palavras e estruturas que ontem existiam não ocorrem mais nos dias de hoje, e, se ocorrem, estão modificadas tanto em sua forma, como em sua função. Desse modo, criam-se formas novas ou utiliza-se de formas velhas em novas funções.

Nesse processo, justifica-se a opção pela pesquisa no Seridó, uma vez que na região se observam poucas descobertas ligadas à linguagem.

No Rio Grande do Norte, talvez somente o Seridó nomeie com clareza uma identificação regional, cartográfica, cultural e espacialmente. Tanto isso é verdade que pessoas se denominam seridoenses, mesmo porque os outros assim os identificam. Assim, nenhuma outra região possui um nome próprio que adjetiva, explicitamente, seus habitantes no mercado simbólico do regionalismo norte-rio-grandense. Tal característica não se dá no vazio. É uma tessitura histórica. Passa por momentos fundadores da ocupação colonial, pela pecuária, pela economia algodoeira, por dispositivos educacionais, pela religiosidade e pela formação de uma elite política que por muito tempo capitaneou os destinos do estado. Por assim se apresentar, acredita-se que seus resquícios epistolares devam demonstrar, diacronicamente, o fenômeno que se quer elucidar.

Por isso, optou-se por investigar a possível transição histórica do TVS nas missivas de Caicó, capital do Seridó, a fim de averiguar se procede (ou não) o processo de mudança. Isso não impede que outros objetivos sejam traçados e aplicados a fim de responder a indagações geradas pela questão e também elucidar e levar à luz pontos que possam surgir no decorrer da pesquisa.

Apesar de existirem exaustivas pesquisas voltadas para os pronomes de tratamento de segunda pessoa, não há nenhuma que aponte o Seridó potiguar como fonte de dados e, dessa maneira, acredita-se que a pesquisa que se propõe realizar é de muita relevância para a área de linguística, no que diz respeito à variação e mudança.

1. A teoria da variação

O que se tem de mais relevante na Teoria da Variação e da Mudança Linguística foi estabelecido no trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (2006) publicado em 1968. Tal trabalho rompeu com a ideia estabelecida pela corrente de estudos linguísticos que prezava pela identidade entre estrutura e homogeneidade. Para substituir essa visão foi proposto um estudo, baseando na heterogeneidade ordenada da língua, o que os autores ditam como “a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua”. Labovianamente falando:

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentadas nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida (LABOV, 2008, p. 238)

A variação é inerente à língua. É o que, segundo Labov (2008, p.313), traduz duas ou mais formas distintas de dizer a mesma coisa. Tal fenômeno é chamado de variante. Dessa forma, cada variável pode representar uma forma abstrata que se materializa nas suas formas variantes. Na pesquisa em tela, a variável linguística se configura na segunda pessoa do singular e nas forma variantes *tu*, *ocê*, *senhor*. Atenta-se para a possibilidade de haver, em alguns casos, contextualmente, falando, variantes sendo utilizadas de forma categórica,

invariável, aí cabe os estudos da variação descreverem como uma determinada variável linguística se configura.

O objetivo maior dos estudos variacionistas é a língua cotidiana, que para Labov (2008, p.244) chama-se vernáculo, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala”. Vê-se, então, que o estudo da língua nesta teoria, acontece no contexto social.

Outra temática valorizada na Teoria da Variação é o da mudança linguística. Não se pode entender o desenvolvimento da mudança em uma comunidade sem levar em consideração a vida social dos usuários da língua, pois pressões sociais exercem pressão sobre a mesma. O que se observa é que não só os fatores internos devem ser analisados para se compreender os padrões das manifestações das línguas, mas também os externos.

Veja-se o que afirmam Weinreich et al (2006, p. 126):

Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinados a um outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidade que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

Assim, grosso modo, o ato de estudar um fenômeno da língua deve considerar tanto os aspectos da estrutura (fatores internos) quanto os sociais (fatores externos). Sobre o exposto Guy (2007, p.19) afirma:

Um dos atrativos – e um dos desafios – da pesquisa dialetal é a de ter a visão de Jano sobre os problemas da linguagem humana, simultaneamente olhando, de um lado, para a organização das formas linguísticas, e, de outro, para a sua significância social.

Entende-se, assim, que a análise das formas variantes de uma variável linguística pode revelar comportamentos que são explicados pela ação de fatores linguísticos e sociais; que a variação não é aleatória, mas estruturada e que pode ser explicada; e ainda que uma análise das formas tratadas de segunda pessoa, como é esta, acontece em interação, não podendo deixar de ser auxiliada pelas ciências da cognição.

À medida em que se propõe analisar a variação, e possível mudança, do TVS na fala do seridoense, procura-se identificar também os fatores linguísticos e sociais condicionantes desta variação. Desse modo, os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista de Labov se mostram essenciais e eficazes.

Uma das principais características das pesquisas labovianas para os estudos da linguística é o estabelecimento da tradição empírica. Veem-se já nos textos originais de Weinreich, Labov e Herzog (1968) que o objeto primeiro da investigação linguística é a produção real dos falantes de uma comunidade linguística particular. Dessa forma, é investigada a língua no seio da sociedade, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e o contexto histórico social.

Esclarece-se que comunidade linguística é vista como um grupo de pessoas que comungam de normas e atitudes com respeito à linguagem, mas não como um grupo de pessoas que falam do mesmo modo (LABOV, 1972/1991/2011). Embora compartilhem de uma variedade de língua e sua fala demonstre os recursos linguísticos disponíveis em sua volta, elas podem apresentar grande diversidade entre si, quando se considera sua performance objetiva.

As variantes linguísticas são definidas como alternativas de dizer a mesma coisa, num mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. Dessa forma, elas têm, portanto, igual valor de referência, mas às vezes podem diferir quanto ao seu valor social (LABOV, 1972/1991).

O uso do *você* em detrimento do *tu* e do *senhor* na fala do seridoense, mais precisamente em cartas pessoais de Caicó, pode ser considerado um caso de variação já que, na perspectiva Laboviana, esta variação é sistemática, não-aleatória, na medida em que é condicionada tanto por fatores internos ao sistema linguístico, como fatores externos, de natureza social.

A teoria laboviana assume que a variação e a mudança ocorrida (ou em ocorrência) estão intimamente ligadas. O processo de mudança linguística que se verifica em uma comunidade está sempre se atualizando na variação observada em cada momento nos padrões do comportamento linguístico dos falantes. Grosso modo, a mudança linguística implica na variação, mas a variação não implica necessariamente a mudança linguística. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

2. Algumas visões sobre o fenômeno

Há sem dúvidas um grande estudo sobre a variação do TU/VOCÊ/SENHOR. Muitas pesquisas linguísticas já conseguiram descrever vários aspectos do Português do Brasil. Nota-se que existem pesquisas feitas e ainda em andamento sobre os processos de tratamento de segunda pessoa em todas as regiões do país. (Cf. Soares e Leal (1993) – Norte; Soares (1980) – Nordeste; Paredes Silva (2003) – Sudeste; Loregian-Penkall (2004) – Sul; Lucca (2005) e Dias (2007), Centro-Oeste)

Expõem-se aqui alguns traçados conclusivos da temática pronominal de tratamento, não necessariamente utilizando cartas pessoais como *corpus*.

Leal e Soares (1993), da UFPA, parte do estudo de dois grupos sociais os quais chamam de professores (A) e funcionários (B). A linguagem dos grupos A e B foi contrastada com a de seus filhos. O objetivo da pesquisa era constatar uma possível mudança das formas de tratamento dos filhos para com os pais.

Os resultados apontaram que 75% dos informantes-pais declararam que usavam a forma *senhor* para se dirigirem aos seus pais. Por outro lado, a mesma pesquisa descobriu que os filhos usavam o *senhor* em apenas 38,59%.

As autoras ainda divulgam os resultados de *tu* e *você*, sendo o *tu* preferido entre filhos dos professores (90,91%) e apenas 12,5 por parte dos filhos dos funcionários. O *você*, último pronome em questão, foi menos produtivo na pesquisa.

A pesquisa de Soares (1980) realizada em Fortaleza, Ceará, objetivou levantar todas as formas utilizadas como tratamento para um interlocutor em função de sujeito ou vocativo. Para isso, relacionou as situações e níveis de fala a fatores que incidissem nas escolhas de tais tratamentos. Segundo a autora, é pouca a aplicação da concordância do sujeito *tu* com o verbo. Ela ainda enfatiza que alguns usuários, quando indagados sobre a postura negativa do uso do *tu*, responderam: “é uma palavra grosseira” (SOARES, 1980, p.42).

Menon (2000) faz a análise da primeira tradução de *Vinhas da Ira* (1940) de John Steibek. Nele, a pesquisadora objetivava testar a concordância verbal com o *tu*. Esse trabalho ainda expõe não só o *tu*, mas o *você* e o *senhor* na região sul do país. O trabalho de Menon utiliza a língua escrita que faz alusão à fala dos habitantes de Porto Alegre.

Ainda no Sul, Ramos (1989) versa sobre as formas de tratamento no falar de Florianópolis sob o ponto de vista percentual. O resultado aponta que o uso do pronome *tu* representa 20% do total geral da amostra e apresenta concordância verbal adequada em 69,5% das amostras, independentemente, do grau de instrução, embora não seja objeto de sua

pesquisa. No caso do pronome *você*, a autora revela que houve uma produtividade de 30% no uso.

Outro estudo próximo é o de Figueiredo (2005). Ele analisa as variações dos pronomes *tu* e *você* em comunidades rurais baianas. Seu projeto é voltado para o português rural e objetiva encontrar elementos comprovadores da relevância do contato entre as línguas portuguesa, indígena e africana. O *você*, mais uma vez, se destaca como o mais produtivo.

Dias (2007) analisa a variação *tu/você/cê* na capital federal. E o mais importante de seus estudos é que os resultados não apontaram a ocorrência do *senhor*, mesmo na ocasião do informante se dirigir aos genitores ou pessoas hierarquicamente superiores no trabalho. É um dado estranho para uma cidade como Brasília, local executivamente propício para o uso do *senhor*.

A autora Loregian-Penkal (2004) estudou a alternância pronominal *tu/você* no indivíduo e também na comunidade. Ela ainda foi mais longe em suas pesquisas quando verificou a concordância verbal com o pronome *tu* em quase toda região sul. Por apresentar uma maior informação em sua pesquisa, seus estudos se configuram dentre os demais como o mais completos, embora não analise o tratamento *senhor*.

Além dos trabalhos apresentados acima, se tem ainda o de Moura (2012). A pesquisadora do PPgEL se propõe em sua tese de doutorado (ainda em andamento) descobrir em cartas pessoais da região nordeste a diacronia da expressão de segunda pessoa do singular. Ela busca evidências para a hipótese de competição de gramáticas.

3. Metodologia

Verificou-se a recorrência dos pronomes TVS nas cartas da amostra e, em seguida, os dados foram aplicadas à luz da metodologia da sociolinguística variacionista escolhidos para a pesquisa (cf. Weinreich, Labov, Herzog, 2006; Labov [1971]; 2008).

A quantificação dos dados passou a ser prioridade uma vez que “a variação linguística é um fenômeno regular e, portanto, pode ser sistematizada e analisada quantitativamente” (TAVARES, p.29, 2013).

Para tanto, seguindo os direcionamentos, definiu-se o envelope de variação, levantaram-se as hipóteses, coletaram-se os dados que, posteriormente, foram submetidos a tratamento estatísticos e por fim, verificou-se se as hipóteses foram atestadas a fim de se chegar a uma explicação para o fenômeno

Coube, então, manter a hegemonia com relação ao tipo de carta: as de cunho pessoal. Vale-se esclarecer que se consideram cartas pessoais

correspondências entre pessoas próximas que mantém entre si um relacionamento estreito – parentes próximos, amigos íntimos. Trata-se de uma forma de comunicação eminentemente pessoal, distinguindo-se das cartas comerciais, das cartas de propaganda, de correspondência dirigida a seções de jornais ou revistas, etc. (PAREDES SILVA, p.24, 1988)

Para os outros aspectos, que precisam ser controlados, optou-se por analisar qualitativamente:

- i) Destinatários das cartas – cônjuge, amigo, família – pai, mãe, irmão;
- ii) Relação de poder;
- iii) Temas identificados – teor, íntimo, amizade, familiar;
- iv) Combinação de formas – na combinação de formas, será testado e verificado se há combinação (ou não) da 2ª pessoa gramatical com as formas de 3ª pessoa, o que, neste caso ocasionaria uma mistura de tratamento condenada pela gramática tradicional.

Para esta pesquisa, delimita-se um *corpus* composto por uma amostra de apenas 21 cartas escritas nos anos de 1980, 1981 e 1982 (sendo sete de cada ano) e dispostas no antigo LABEL – Laboratório de Linguagens do CERES – Centro de Ensino Superior do Seridó, *Campus* de Caicó. Salienta-se que o todo o banco de dados se encontra com o pesquisador.

A carta pessoal foi escolhida como material de análise por conter em seu conteúdo temática espontânea. Essa característica íntima pode ser produtiva no que se diz respeito à identificação de fenômenos linguísticos em processo de mudança.

A correspondência epistolar pode, de fato, conter em sua essência tais fenômenos de forma abundante. No entanto, pode ainda, devido a sua estrutura, manter-se fixa, caracterizando-a como gênero discursivo.

O gênero carta apresenta em sua estrutura textual os seguintes constituintes: i) o contato inicial – às vezes com a presença da saudação e a captação da benevolência; ii) o núcleo da carta – motivo pelo qual ela foi escrita; iii) a despedida e, por último; iv) a assinatura. Essa estrutura fixa, prototípica, apresenta algumas variações em sua estrutura que pode interferir, além da normalidade, na análise do fenômeno linguístico buscado quando se escolhe esse gênero como material de pesquisa da mudança/variação.

A escolha é motivada, neste caso, pelo núcleo da carta. É ele que vai apontar a trajetória dos pronomes de tratamento em foco. Essa parte da carta é a mais flexível em termos estruturais, pois apresenta o tema, razão pela qual se escreve.

Outro fator justificável é a presença das datas nas cartas. Os informes cronológicos atestam o tempo em que as mesmas foram escritas e possibilitam um monitoramento diacrônico acerca do percurso (ou não) do TVS. Salienta-se que sexo, data e a localidade são imprescindíveis para a precisão da pesquisa.

Na impossibilidade de investigar, pelo contexto epistolar, outros fatores sociais como faixa etária, escolaridade, etc. eles não farão parte da análise.

4. Os resultados...

Expõem-se aqui os resultados quantitativos das formas pronominais de tratamento levantadas no *corpus* desta investigação com relação à frequência de uso, seguido de análises qualitativas.

FORMAS UTILIZADAS	TU	VOCÊ(S)	SENHOR	OUTROS
	2 (1%)/172(100%)	158 (93%) /172 (100%)	12 (6%)/172 (100%)	0 (0%)

A visível predominância do *você* sobre *tu* já era de certa forma esperado tendo em vista que o Seridó experimenta, assim como todas as regiões e sub-regiões do país as pressões advindas da dinamicidade da língua. O que é de fato importante apontar é a predominância quantitativa do tratamento *senhor* sobre o *tu*, mesmo em cartas pessoais, apesar dos dados significativamente escassos.

Veja-se no exemplo:

Caicó, 16 de julho de 80

A, meu abraço

A finalidade desta linha é para dar / tes às minhas notícias que estamos todos com saúde / graças a Deus, às mesmo desejo que / vá ti encontra com os seus. Camp: receber o dois mil / Cr\$ que o senhor mim enviou muito obrigado Deus lhe der muita saúde e o mente / os seus dias de registência... (Carta 04)

O tratamento *senhor* é utilizado formalmente (pelo menos é o que preconiza a gramática tradicional). Assim, cartas pessoais pela sua natureza menos formal não deveria aparecer com certa evidência competindo com o *tu*. Talvez a escolha fora condicionada pela dimensão de poder.

Segundo Brown & Gilmar (1960), quando uma pessoa interage com outra, está exercendo uma sobre a outra, níveis de poder, o que pode acarretar uma assimetria no tratamento. Dessa forma, o tipo de correspondência, assim como a relação emissor – destinatário poderá influenciar na escolha de uma ou de outra forma de tratamento.

Uma pessoa pode exercer o poder sobre a outra na medida em que é capaz de reger o comportamento da mesma, quer seja pela força física, quer seja pela situação econômica, posição familiar, etc. Tal relação não se configura como recíproca uma vez que pode variar de acordo com a área de atuação. O poder, ainda, pode estar relacionado a outros fatores como diferença de idade, profissão, etc. Características às quais, por vezes recorrentes, se atribuem ao valor social, dependendo, claro, de cada comunidade linguística.

O uso do *senhor* que aparece nas amostras usadas como *corpus* deste trabalho parece estar ligado à posição familiar. Entretanto, observando o fragmento abaixo, observa-se outro entendimento:

Atente-se:

Caicó, 17 07-82

L Saudações.

Ao fazer desta fico gozando / saúde juntamente com minha filha...(...)Olhe L quero ti dizer que entre / nós não existe mais nada tudo acabou certo? Foi você que/ quis assim, não foi...Olhe não adianta o senhor fica mim telefonando nem mim escreva carta /dizendo que mim ama, que esta arrependido do que fez certo? Que / eu não vou aceita ta. Eu nunca vou esquecer o que o senhor fez comigo, o senhor mim / maltratava, sabia que eu amava o senhor e fez isso comi / go. Coisa de menino mesmo...(...) (carta 05)

As cartas pessoais são remetidas para um destinatário individualizado e próximo. Nelas poderão aparecer assuntos de natureza diária como saúde, tomadas de empréstimos, conselhos, agradecimentos, relacionamento amoroso ou odioso, etc. No fragmento acima, por exemplo, percebemos ironia no *senhor* utilizado. Tal suposição é confirmada com a expressão “*coisa de menino mesmo*”.

Apesar de existir em uso outro competidor para as formas em estudo, por exemplo, *a gente*, não foi encontrado nenhum dado que confirmasse tal uso.

Procurou-se condensar os dados na tabela abaixo. Nela observa-se o mapeamento geral. O *você* aparece absoluto em quase todos os contextos das cartas, quer visível, sob forma de pronome, quer invisível, através das disposições combinatórias verbais que resulta no sujeito oculto *você*.

Quadro do Mapeamento dos usos de Tu, Você e Senhor

Natureza da carta	Sexo – emissor	Sexo - receptor	Relação de poder	Pronome	
01	Amizade	F – chefe	F - empregada	superioridade	Você
02	Amizade	F – chefe	F - empregada	superioridade	Você
03	Familiar	F – Mãe	M – filho	superioridade	Você
04	Amizade	F – amiga	F – amiga	Igualdade	Você
05	Amizade	F – amiga	F – amiga	Igualdade	Você
06	Amizade	F – amiga	F – amiga	Igualdade	Você
07	Familiar	F – mãe	F – filha	Igualdade	Você
08	Amizade	F – amiga	F – amiga	Igualdade	Tu
09	Amizade	F – amiga	F – amiga	Igualdade	Você
10	Familiar	F – irmã	F – irmã	Igualdade	Você
11	Familiar	M – sobrinho	F – tia	Igualdade	Você
12	Familiar	F – irmã	M – irmão	superioridade	Você
13	Familiar	M – sobrinho	F – tia	Igualdade	Você
14	Amizade	F – amiga	F – amiga	Igualdade	Tu
15	Familiar	F – irmã	F – irmã	superioridade	Você
16	Familiar	F – irmã	F – irmã	Igualdade	Você
17	Familiar	M – filho	M – pai	inferioridade	Senhor
18	Amizade	F – amiga	F – amigo	inferioridade	Senhor
19	Amizade	F – irmã	F – irmã	Igualdade	Você
20	Amizade	F – irmã	F – irmã	Igualdade	Você
21	Amizade	F – mulher	M – homem	superioridade	Senhor

Com relação à combinação de pessoas, chegou-se a perceber que não há combinação de formas pronominais com formas antecedentes de segunda e terceira pessoas em uma mesma carta. Desta forma, não há uniformidade no tratamento de uso de formas ligadas ao TU/VOCÊ/SENHOR. Confirmando que, com a chegada de *you* no Português Brasileiro, aconteceram “confusões” que resultaram em rearranjos no sistema paradigma pronominal e flexões verbais. (RUMEU, 2008), (LOPES, 2007).

Quadro de frequência de te/ti

TE	9 (38%)/24 (100%)
TI	15(62%) /24 (100%)

Os resultados apontam que o *you* e o *tu* são usados pelos missivistas da amostra indistintamente com o mesmo valor de *you*. A concordância que deveria existir para a segunda pessoa desaparece em todos os contextos das cartas.

Observe-se:

Caicó 15 de Dezembro de 80

M Deus, ti abençoe

É nesse momento que vou dar te minhas/ notícias que estamos com saúde e ás / mesmas desejo que ti encontre./ M fiquei muito satisfeita em / saber que VOCÊ está gostando der aí (...)

(carta 06)

Outro fator descoberto é que o clítico TI aparece nas cartas com o mesmo sentido de TE. Mais uma vez os missivistas agrupam os clíticos, talvez sem saber que há diferença entre um e outro.

Conclusão

A análise realizada fornece algumas evidências acerca do uso das formas TVS na cidade de Caicó, Seridó potiguar. De modo geral, pode-se dizer que a forma *você* é a mais recorrente entre os informantes dispostos em cartas pessoais, usadas como amostras.

Os resultados emergidos corroboram algumas hipóteses que nortearam este estudo. Pelos dados, ousa-se dizer que os missivistas utilizam-se, indistintamente, o TVS sem se preocupar com a concordância com a pessoa do discurso.

Não foram identificadas outras formas que pudessem competir com o TVS. Nesse caso, esperava-se que o *a gente*, muito comum em falas coloquiais, aparecesse nas análises.

Com relação ao grau de intimidade, o teor das cartas apontou para uma forma igualitária no tratamento (13(62%)/21(100%)), no entanto, aparecem tratamentos denotando superioridade (06(29%)/21(100%)) e inferioridade (02(9%)/21(100%)).

Mas vale ressaltar que esta pesquisa está em andamento, daí a limitação dos dados, sendo interessante, para o futuro, fazer um estudo mais pormenorizado sobre a temática incluindo mais dados quantificadores, envolvendo não só a cidade de Caicó, mas também, as demais cidades que compõem o Seridó.

Referências bibliográficas

- CASTILHO, A.T. de. Para um programa de pesquisas sobre a história social do português de São Paulo. In: MATTOS E SILVA, R.V. (org). *Para a História do Português Brasileiro: vol.III: Primeiros Estudos. Tomo II.* São Paulo. Humanitas/ FAPESP, p.337-369. (2001a)
- _____. Proposta Funcionalista de Mudança Linguística. Os processos de lexicalização, semanticização, discursivização, e gramaticalização na constituição das línguas. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (org) *Para a História do Português Brasileiro. Vol VI: Novos dados, novas análises.* Salvador. EDU/UFBA. (2001b)
- DIAS, E.P. *O Uso do tu no português brasileiro falado.* Dissertação de Mestrado em Linguística. Brasília, UnB, 2007.
- FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language.* Cambridge, Cambridge University Press. (1997)
- FAUCONNIER, G; SWEETSER. E. Cognitive Links and Domains: Basic Aspects of Mental Space Theory. In: FAUCONNIER, G; SWEETSER. E. (Eds). *Spaces, words and Grammar.* Chicago and London: The University Chicago Press, (1996)
- FIGUEIREDO, L.A. *Tu e você no português afro-brasileiro.* Comunicação ao VI seminário de Pesquisa e Pós Graduação da UFBA. Salvador, 2005.
- FREITAG, R.M.K; FONSECA E SILVA, M. Uma análise sociolinguística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino de língua portuguesa. *Revista Intercâmbio*, vol XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.
- GARDNER, H. *A Nova Ciência da Mente: uma história da Revolução Cognitiva.* São Paulo, Edusp, trad. De Maria Cláudia M. Caon.1995.
- GUY, G.R; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa-* instrumento de análise. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In Guy, G. e Zilles, A. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise.* São Paulo. Parábola, 2007.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns.* Philadelphia. University of Pennsylvania, Press 11º Ed. 1972/1991.

- _____. *Principles of linguistic change: External factors*. Cambridge/Philadelphia. Blackwell Publishers, Vol. 2, 2001.
- _____. The case of the missing cpula: the interpretation of zeroes in African American English. In: GLETIMAN, L.R.; LIBERMAN, M. (Eds). *An invitation to cognitive Science*. Vol 1:Language. Cambridge. Massachusetts: London. England. The Mit Press, 1995.
- _____, W. *Padrão Sociolingusticos*. São Paulo: Parábola, 2008. (tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso)
- LANGACKER, R.W. *Foundation of Cognitive Grammar*. Vol 1. Teorical Prerequisites. Stanford, California, Stanford University Press, 1987
- LOREGIAN-PENKAL, L. **(RE)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul**. Tese de Doutorado em Letras/linguística. Curitiba, UFPR, 2004
- LUCCA, N.N.G. *A variação tu/você na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Brasília, UnB, 2005.
- MARTINET, A. *A linguística sincrnica: estudos e pesquisas*. Trad. De Lilian Arantes. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1974.
- MENON, O.P.da S. *Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil:tu/você/senhor em Vinhas da Ira*. Letras de Hoje, Porto Alegre, V.35, n 1, 2000.
- PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ. Faculdade de Letras, 1988.
- _____. O retorno do pronome tu  fala carioca. In RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade histórica*, Rio de Janeiro; FAPERJ, 7letras, 2003.
- RAMOS, M.P.B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis, UFSC, 1989.
- TALMY, L. *Toward a Cognitive semantics*. Vol 1. Concept structuring systems. Cambridge.Massachusetts/london. England.The Mit Press. 2003a.
- _____. *Toward a Cognitive semantics*. Vol 2. Concept structuring systems. Cambridge.Massachusetts/london. England.The Mit Press. 2003b.
- TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e mudança linguística. *Interdisciplinar*. Edição especial Abraln/SE, Itabaiana/SE. Ano VIII, v.17, jan/jun. 2013.
- SOARES, I.C.R. & LEAL M.da G.F. Do senhor ao tu: uma conjugaco em mudança. Moara. *Revista do Curso de Mestrado*. UFPA, Belém, n 1, mar/set 1993.
- SOARES, M.E. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado em Letras, Rio de Janeiro, PUC, 1980.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for theory of language chage. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (Eds) *Direction for historical linguistic*. Austin & London University of Texas Press.1968